



ARTIGOS

TRADUZIR *KUTIPA/KANUPARITA* PARA VITALIZAR A LÍNGUA KOKAMA: UM ESTUDO DE CASO

Altaci Rubim

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
altacirubim2017@gmail.com

Ana Helena Rossi

Universidade de Brasília (UnB)
anahrossi@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v2i2.19997>

RESUMO: Tradução de narrativas gráficas conhecidas como histórias em quadrinhos-HQ é um desafio, principalmente para as histórias em quadrinhos [HQ] das antigas histórias indígenas, porque essas histórias possuem uma intrínseca relação com o ambiente e os elementos que constituem a visão social do povo. A língua é muito mais que comunicação, é organização de saberes, é espírito. Nesse caso, o tradutor deve conhecer a língua e a cultura para realizar uma tradução que leve em conta a cosmovisão do povo. Este estudo de caso discute o processo de tradução da História em Quadrinho Kokama-HQK] *Kutipá/Kanuparita* como instrumento pedagógico para o ensino e aprendizagem da língua indígena Kokama, e como o conceito de *Kutipá/Kanuparita* são fundamentais para a tradução, considerada aqui no sentido de “processo” e de “tradução de cosmovisão”. Assim, a tradução torna-se uma atividade que reúne os saberes da comunidade.

Palavras-Chave: *Tradução, histórias em Quadrinhos, língua Kokama.*

TRADUIRE *KUTIPA/KANUPARITA* POUR VITALISER LA LANGUE KOKAMA: UNE ETUDE DE CAS

RÉSUMÉ : La traduction des narratives graphiques connues sous le nom de bande dessinée («histórias em quadrinhos» - HQ en portugais) constitue un défi surtout en ce qui concerne les HQ [bandes dessinées] des anciennes histoires des Indiens car ces histoires possèdent une relation intime avec l’environnement et les éléments qui constituent la vision sociale du peuple Kokama. La langue est beaucoup plus que communication, c’est organisation de savoirs, et esprit. Dans ce cas, le traducteur doit connaître la langue et la culture pour réaliser une traduction qui prenne en compte la cosmovision du peuple. Cette étude de cas présente la traduction de l’Histoire en Bande Dessinée Kokama (HQK *Kutipá/Kanuparita*, un outil pédagogique pour l’enseignement et l’apprentissage de la langue indigène Kokama, , et le concept de *Kutipá/Kanuparita* sont des fondamentaux pour la traduction considérées dans le sens de « processus » et de « traduction de cosmovision ». La traduction devient, alors, une activité qui réunit les savoirs de la communauté.

Mots-clés: *Traduction, Histoire en Bande Dessinée, langue Kokama.*



Introdução

A tradução, tal como definida pelo senso comum, é uma atividade que interpreta o significado do texto de uma determinada língua com vistas a apresentar aquela mensagem, considerada a mesma, em outra língua. Trata-se, então, de encontrar o termo/a frase equivalente em outro idioma. Este fazer tradutório tem como pressuposto a simetria das línguas, isto é, entende-se que as línguas são estruturadas de maneira a se refletirem umas nas outras. Este pressuposto – jamais explicitado – permite realizar o que se chama de “equivalência”, que não é mais do que a transposição do recorte epistemológico da língua-fonte para a língua-alvo. Este recorte tende sempre a confirmar a importância política da língua. A tradução é considerada como uma técnica, que não se preocupa com a problemática da interpretação, já que os termos são equivalentes. Esquece-se, assim, que toda língua possui uma história, que ela é relativa a um povo e que, portanto, toda língua envolve os acontecimentos ocorridos dentro de um espaço largo de tempo, assim como a maneira como esse povo interpreta tais acontecimentos, e constrói a cosmovisão.

A tese que desenvolvemos aqui é de problematizar a tradução como um processo, que implica em um conjunto de procedimentos¹. O estudo de caso, que ora desenvolvemos, demonstra que a tradução - tendo em vista o fato de a língua indígena Kokama encontrar-se em fase de reconstrução e resgate linguístico no Brasil - consiste em traduzir a cosmovisão do povo. Este estudo integra-se aos esforços da pesquisa acadêmica que, com sua visada política e, em consonância com as demandas da comunidade e aldeia Kokama, torna-se instrumento de vitalização da língua. Trata-se de incorporar ao processo tradutório a visão de mundo dos falantes na medida em que existe uma

inseparabilidade entre pensamento e expressão. Em teoria, os maiores obstáculos da tradução seriam formados por conceitos que só têm designação dentro de um único idioma. “Saudade”, por exemplo, é privilégio do português; o francês *toilette* não tem equivalente perfeito em nenhuma língua, como o alemão *Hinterland*,

¹ ROSSI Ana Helena, “Processos e procedimentos: pensando a tradução”, caleidoscópico: linguagem e tradução, revista caleidoscópico: linguagem e tradução, v.2. n.1. tradução de língua indígenas, pp. 1-14, 6 jun. 2018.



como o inglês *smoking*, como o italiano *commedia dell'arte*, e assim por diante. (...)² (RÓNAI, s.d.). (grifos nossos)

Portanto, como afirma Rónai, exímio tradutor e teórico da tradução, emigrado da Hungria para o Brasil no contexto da 2ª Guerra Mundial, trata-se de resgatar a inseparabilidade entre pensamento e expressão, que, no caso presente implica em construir um processo de resgate da cosmovisão do povo por sua própria comunidade. O processo tradutório dá-se, portanto, em conjunto com a conscientização da memória do povo, de seus mitos, e de todos os elementos que a constitui.

A língua Kokama³ se diferencia das línguas indo-europeias em sua estrutura morfossintática. Em “geral, acredita-se que a maior parte das línguas naturais se aproxima do tipo “aglutinante⁴” (PRIA, 2006, p. 117). Como toda característica gramaticalmente presente na língua induz a operações tradutórias específicas, devemos manter isto em mente tratando-se da tradução de uma língua de contato morfologicamente complexa.

² RONAI Paulo, Escola de Tradutores, Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação. Col. Os cadernos de Cultura, s.d., 90 p

³ VALLEJOS, Rosa. A Grammar of Kokama-Kokamilla. PhD. Dissertation University of Oregon. 2010. <https://www.academia.edu/14705822/>

⁴ “No século XIX, Humboldt surge com a “ordenação ideal” das línguas baseada na sua forma, especificamente na morfologia. Concebia a flexão como uma forma “ideal” e “perfeita”, “princípio da linguagem”. Começa a avaliar as línguas como “mais perfeitas” (flexionais e isolantes) e “menos perfeitas” (aglutinantes e incorporantes) segundo o grau de realização da flexão que nelas ocorre. Os neohumboldtianos permanecem utilizando-se dos tipos ideais: isolantes / fusionantes, aglutinantes, flexionais / flexivas / fusionais, incorporantes / polissintéticas. A) As línguas isolantes não possuem flexão. As informações gramaticais expressas por flexão em línguas flexionais aqui são expressas por palavras invariáveis. O Chinês e muito mais o Vietnamita são os exemplos mais comuns desse tipo de língua. B) As línguas aglutinantes unem afixos comumente invariantes a uma raiz de tal forma que pode haver vários morfemas facilmente identificáveis em uma palavra. De outra forma, a palavra se compõe de morfemas, sendo que cada um representa um morfema, havendo conservação da identidade fonológica dos morfemas. Trata-se, portanto, da não correspondência entre morfemas e certos segmentos de palavra. (LYONS, 1979). O Turco, o Japonês e o Húngaro são geralmente classificados como aglutinantes. C) Nas línguas flexivas os morfemas são representados por afixos. Há, nesse caso, uma dificuldade de identificar precisamente as diferentes partes dos afixos. Como exemplos de línguas flexionais temos o Russo, o Latim e o Grego antigo. Na frase latina *Puellam bellam amo* (“Eu amo a bela garota”), a terminação – am, no nome e no adjetivo, marca feminino, singular e acusativo e a terminação –o do verbo refere-se à primeira pessoa do singular, sujeito e presente do indicativo. As palavras latinas não podem ser segmentadas em morfemas, senão de forma arbitrária, e isso é o que diferencia as línguas flexivas das aglutinantes. Não se trata de uma diferença de estrutura gramatical entre línguas “flexivas” e “aglutinantes”, mas do modo como são representadas as unidades gramaticais mínimas, seja fonológica ou graficamente. Juntos esses dois tipos de língua compõem o grupo das “inflexivas” (LYONS, 1979). D) As línguas polissintéticas (ou incorporantes) fazem grande uso de afixos e freqüentemente incorporam o que outras línguas expressariam por meio de nomes e advérbios a elementos que se assemelham a verbos. São identificadas como polissintéticas a língua Inuktitut (Irlanda) e algumas línguas indígenas americanas.” (PRIA, 2006, p.116).



O *corpus* do presente estudo constitui-se de narrativas tradicionais do povo Kokama⁵ coletadas, em um primeiro momento. Em um segundo momento, tais narrativas foram traduzidas para produzir material didático com vistas a vitalizar⁶ a língua Kokama. A tradução, em suma, constitui uma parte do complexo processo maior de vitalização da língua Kokama, cujo ator principal, nessa dinâmica, é a própria comunidade. Para esse fim, um grande número de narrativas mitológicas, conhecidas pelo povo Kokama como as “Histórias Antigas”⁷, foram escolhidas pela comunidade Nova Esperança - Manaus - para se tornarem as Histórias em Quadrinhos Kokama⁸, que serão utilizadas pelos professores nas escolas e nos espaços educativos da comunidade sob a forma de material didático para dar suporte à vitalização da língua Kokama. Daí a importância de associar vários atores sociais para a construção desse material.

Na concepção do mundo Kokama, a forma organizativa deste povo expressa-se na língua que vitaliza, dá força e vigor à dinâmica da existência da comunidade, práticas sociais essas que remetem ao termo *vitalização*⁹, que, segundo Houaiss e Villar (2009) define-se, como a seguir: “*ato ou efeito de vitalizar; vitalizar, dar força ou mais força; vigor ou vitalidade*”. Como avaliou Freire (2008)¹⁰, a língua Kokama é uma língua anêmica, e, portanto, precisa ser fortalecida, isto é, vitalizada. Essa iniciativa da comunidade responde a essa avaliação, acima referida

Assim, as iniciativas de fortalecimento da língua Kokama confirmaram a

⁵ RUBIM, Altaci Corrêa. “O reordenamento político e cultural do povo Kokama: a reconquista da língua e a reconquista do território além-fronteiras entre o Brasil e o Peru”, 2016, Tese de Doutorado, Universidade de Brasília.

⁶ O termo vitalizar é utilizado para expressar o processo de fortalecimento da língua, pois ainda tem falantes da língua Kokama como língua materna, no caso os anciãos, que está sendo ensinada e aprendida em diversos espaços das comunidades Kokama do Amazonas (Brasil) e no Peru. Nesse estudo, nos apropriamos do conceito de língua como espírito, onde as línguas não morrem, adormecem (língua adormecida é uma língua anêmica, como relatado por Ribamar Bessa Freire ao falar do fortalecimento da língua Kokama: -“depois de quase meio século, pela primeira vez a língua Kokama volta a ser falada por crianças em São Paulo de Olivença. Rose Moçambite Maurício, 8 anos, da Comunidade Monte Santo, e Alcir Moçambite, 9 anos, da Comunidade Jordânia constituem indícios de que a língua Kokama não vai desaparecer com a morte dos velhos. É uma língua anêmica, mas não moribunda”. <http://www.taquiprati.com.br/cronica/102-aqui-comeca-o-brasil>.

⁷ Doravante grafadas HA.

⁸ Doravante grafadas HQK.

⁹ RUBIM, Altaci Corrêa, “O reordenamento político e cultural do povo Kokama: a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru”, 2016, Tese de doutorado. UnB

¹⁰ <http://www.taquiprati.com.br/cronica/102-aqui-comeca-o-brasil>, Acesso em 10-03-2018



criação de um novo termo – vitalização – utilizado para línguas em estado de enfraquecimento por terem poucos falantes, e em estado de *revitalização* por meio de estratégias que envolvem a sua tradução e o seu ensino como L2. Vejamos como esse termo nasceu da apropriação cultural da comunidade Kokama.

O termo *vitalização* surgiu nas oficinas de discussão das matrizes pedagógicas curriculares para escolas indígenas em São Paulo de Olivença no estado do Amazonas. Estas discussões envolveram os professores Kokama que preferiram o *vitalização* pelo mesmo fazer mais sentido no âmbito deste movimento de fortalecimento da língua Kokama. Descartou-se o termo *revitalização*. Foi uma decisão tomada em conjunto com a comunidade para valorizar a apropriação sociocultural da língua, recuperando a sua dinâmica no cotidiano do povo. Nessa perspectiva, o movimento de fortalecimento da língua Kokama não está relacionado a dar um novo sentido à língua, mas, pretende, sim, fortalecer o que os Kokama chamam de espírito da língua, para que a mesma venha ser falada no cotidiano das comunidades.

Nesse sentido, o processo de tradução da língua Kokama para o português recupera a cosmovisão do povo, ao considerar que a língua é, além de um espírito vivo, uma forma de pensar e conceber o mundo inserido no cotidiano da comunidade. Depreende-se, a partir daí, que o foco deste estudo é traduzir as histórias respeitando-se a cultura, o contexto social e a tradição vivida pelas comunidades e aldeias Kokama. A língua é o espírito vivo nas comunidades e aldeias, e expressa as relações culturais e conhecimento *sui- generis*, tal como enfatizada por Aryon Dall’Igna Rodrigues:

O notável é que, embora haja milhares de línguas, todas elas têm o mesmo denominador comum, que é ser instrumento do nosso cérebro com organização e acúmulo do conhecimento. **Vista assim, necessariamente, as línguas/linguagens, todas são, em princípio, traduzíveis umas para as outras com a restrição que as experiências humanas são diferentes. Então, há línguas que refletem diferenças na concepção e explicação dos fenômenos do mundo.** Enquanto nós temos uma explicação para o nascer do sol e da lua – nossa concepção astronômica em que os astros se relacionam, percepção que alcançamos faz muito tempo, apenas parte da humanidade e não toda, essa concepção que a terra é um objeto que gira em torno do outro que é o sol, e a lua é o terceiro objeto, mas que gira em torno da terra, chamado de satélite – *nem todos os povos têm essa concepção. A maioria dos povos indígenas não veem assim. Não quer dizer que eles estejam errados.* (ROSSI, 2012) (grifo nosso)



Neste contexto, HQK *Kutipa/Kanuparita* constitui nosso *corpus* de análise, pois a palavra carrega significados que expressam os saberes organizados do povo, desde o ponto de vista das comunidades e aldeias. Os linguistas indígenas da Universidad Nacional da Colômbia, localizada na cidade de Letícia, definem a questão da seguinte maneira: “a língua espírito”, não pode ficar presa a um ensino, a uma tradução de aparatos linguísticos trabalhados no léxico, morfologia e sintaxe das línguas. Nessa perspectiva, o estudo, ora apresentado, discute o processo de tradução das línguas indígenas na contemporaneidade, a partir do caso da tradução da língua Kokama que integra a dimensão linguístico-cultural do seu povo.

Quando os colonizadores europeus chegaram à América, encontraram um mosaico de línguas indígenas. Esse mosaico mais tarde foi estudado por especialistas em línguas que buscaram sua classificação, de forma tipológica e genética. A classificação tradicional da língua Kokama considera essa língua pertencente à família Tupí-Guarani, suscitando grandes debates até hoje para linguistas e pesquisadores, como “[...] Adam (1896); McQuown (1955); Loukotka 1968 [1935]; Rodrigues (1958; 1964). Em estudos posteriores, Rodrigues e Cabral classificam a língua como “crioulo abrupto”; (Cabral, 1995, p.1). Entretanto, no Peru, a língua é classificada como pertencente à família Tupi-Guarani, pois “há um consenso entre antropólogos e historiadores que Kukama-Kukamiria e Omaguas vivendo no Peru são descendentes do grupo étnico tupi”¹¹. (VALLEJOS, 2010, p.2). Nesse sentido, as línguas do grupo étnico Tupi são do tronco tupi, classificadas como da família Tupi-Guarani.

Pesquisas realizadas em torno da tradução da língua Kokama pelo Programa de Formação de Professores Kukama-Kukamiria no Peru ainda não foram difundidas. Independentemente das discussões referentes à classificação da língua Kokama, no que tange à tradução do Kokama para a língua portuguesa, partiremos dos materiais didáticos Kokama produzidos no Brasil, além dos materiais didáticos produzidos em Língua Espanhola e em Kukama-Kukamiria, no Peru. Em sua tese de doutorado, Vallejos (2010) produziu uma gramática e um

¹¹ “there is a consensus among anthropologists and historians alike that the Kukama- Kukamiria and Omaguas living in Peru are descended from the Tupí ethnic group.” [Traduzido por Ana Helena Rossi].



projeto de documentação da língua Kukama-Kukamiria no Peru que resultou em um dicionário bilíngue Kukama- Kukamiria/Espanhol¹², produzido em 2015. Nesse projeto de tradução da língua Kokama para o Espanhol, optou-se por valorizar a cosmovisão do povo, contando com a participação, no processo de elaboração da tradução, de vários anciãos falantes com competência linguística da língua Kokama como L1, isto é, como língua materna. Tal é a linha de pesquisa desse estudo. Salienta-se que a falta de pesquisas relacionadas à tradução do Kokama para o português coloca este estudo como inédito, pois discute o processo de tradução, não somente da língua Kokama especificamente, mas das línguas indígenas que se encontram em processo de vitalização.

O rastreamento dessas línguas encontra-se em RUBIM (2016), que discute a e vitalização da língua. Foram elaborados 12 (doze) materiais didáticos traduzidos por especialistas falantes de Kokama, isto é, de língua materna Kokama (L1), e por linguistas que vivenciaram e vivenciam a prática cultural do povo Kokama. Assim os conhecimentos gramatical, semântico e pragmático corroboraram para uma *“tradução sem desencontro por estar com os pés nos dois lados, do lado da língua do outro, e da língua dele para a qual ele está traduzindo”* (RODRIGUES, 2012, p.130).

Povo Kokama: história e condições linguísticas na contemporaneidade

No Brasil, especialmente na Amazônia são poucos os falantes da Língua Kokama. O “Atlas das línguas em perigo de extinção” aponta que a língua Kokama é uma das 190 línguas indígenas na lista de extinção (MOSELEY, 2010). Porém, o povo Kokama tem lutado contra esse processo de perda. “[...] Apesar do fato de que a população Kokama está estimada em 20.000 pessoas, a linguagem Kokama está perigosamente em perigo. [...]”¹² (VALLEJOS, 2010, p.28). Observa-se que no Peru, a língua se encontra em perigo de extinção, enquanto que no Brasil a situação é crítica. No Peru, o povo Kokama é autodenominado como Kukama – Kukamiria, em razão da divisão em 1616 deste povo:

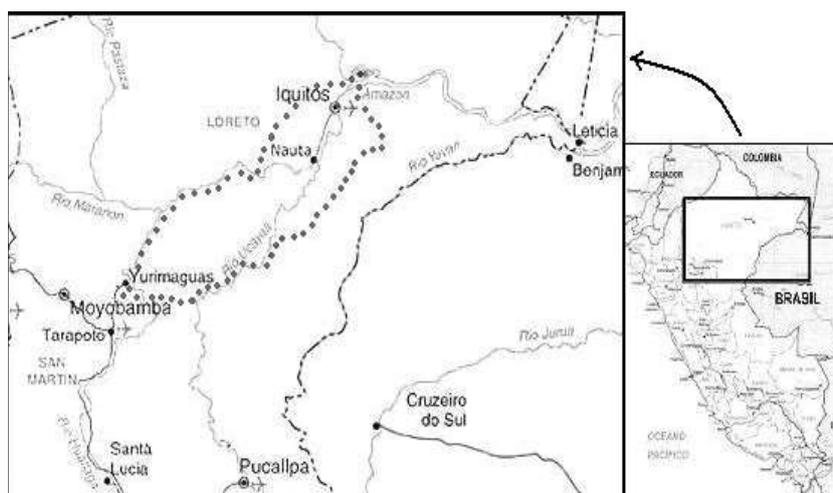
¹² VALLEJOS YOPÁN, Rosa; AMIAS MURAIARI, Rosa. **DiccionarioKukama-Kukamiria / Castellano**. Iquitos-Peru; 2015.

Este Pueblo se dividió en los grupos kukama y kukamiria, ambos establecidos principalmente en las riberas de dos grandes ríos: el bajo Ucayali (a la salida del canal de Puinahua) se asentaba la denominada Cocama la grande por su alta densidade demográfica[...] y el bajo Huallanga, donde estaba la pequena Cocama (unos 600 indivíduos) (GROHS, 1974 *Apud* RIVAS, 2003, p.10-11).

Para esse povo, não há fronteira demarcada, pois está localizado nos territórios do Brasil, Peru e Colômbia. Os rios em que viviam e vivem até hoje tem diferentes nomes em cada um desses países, como é o caso do rio Içá, denominado assim no Brasil, enquanto que no Peru seu nome é Putamayo. Historicamente, a presença do povo Kokama foi registrada desde os tempos da história colonial, como afirma Freitas (2002, p.28):

As primeiras referências aos Kokama, fornecidas por exploradores e missionários nos séculos XVI e XVII, situam os seus principais assentamentos no médio e baixo rio Ucayali, afluente do Amazonas peruano. No século seguinte, os Kokama faziam parte da heterogênea população indígena que habitava a missão de São Joaquim dos Omáguas, estabelecida no baixo Ucayali. Em 1854, eles voltam a ser citados na cidade de Nauta, também localizada no baixo curso deste rio. Neste mesmo ano, são localizados no alto rio Purus, nele penetrando possivelmente devido à proximidade de suas cabeceiras com o médio Ucayali (FREITAS, 2002, p. 28).

A localização geográfica desses rios em que os Kokama se estabeleceram no decorrer de sua história pode ser observada, no mapa abaixo:



Fonte: TheKukama-kukamiriaDocumentation
Project. <http://www.unm.edu/~RVallejos/Kukamaproject.html>

Como vários outros povos indígenas da América do Sul, a história do povo



Kokama foi registrada, desde o século XVI, por viajantes e cronistas europeus. Várias fontes documentais retratam a história do contato deste povo com os colonizadores. Fatos ocorridos neste período são mencionados por pesquisadores que trabalham com este povo: no Brasil, em Cabral (1995); Freitas (2002); Ramos (2004), Viegas (2010) e Almeida e Rubim (2012); na Colômbia, González (1999) e, no Peru, Ochoa (2002), Rivas (2003), Vallejo (2010), entre outros. Todos esses autores contam a história do povo Kokama iniciada a partir do momento em que os colonizadores europeus entram em contato com as populações indígenas da Amazônia peruana, principalmente com o povo Kokama.

Uma das principais fontes consultadas é o registro de frei dominicano espanhol Gaspar de Carvajal¹³, quando desceu pela primeira vez o rio Amazonas no final do século XV e no início do século XVI. Nos idos de 1541/1542, um dos membros da expedição de Francisco Orellana, o capitão Altamirano, descreveu o que ocorrera na viagem da expedição de Ursúa e Aguirre (1560/1561), relatando como se deu o contato com os povos indígenas que residiam à beira dos rios pelos exploradores em busca de alimento para sua tripulação, dentre os quais, havia os Kukama da foz do Ucayali (PORRO, 1992).

Os Kokama residiam às margens dos rios, conforme registrado pelos viajantes e cronistas, “*como um povo que sempre buscou residir em áreas próximas aos rios*” (FREITAS, 2002, p. 28), o que não impediu seus deslocamentos. Nos dias atuais, Almeida e Rubim (2012, p. 68) informam que:

Os comentadores regionais relatam ainda hoje que os Kokama constituíam um povo que vivia em constante movimento. Este processo de deslocamento do povo Kokama tem sido sempre explicado como atrelado a conflitos na busca de terras para plantio e de águas para o exercício da pesca.

Assim, os Kukama, em grande número, ficaram no baixo rio Ucayali enquanto que, no baixo rio Huallaga, passou a habitar um pequeno grupo de Kukamiria. No começo do século XIX, os Kukama-Kukamiria tinham uma

¹³ Francisco de Carvajal (1464 — 10 de abril de 1548) foi um oficial militar, conquistador e explorador espanhol, também conhecido como *o Demônio dos Andes*, devido à sua brutalidade e habilidade militar. http://www.chdetrujillo.com/wp-content/uploads/2009/14_fray_gaspar_de_carvajal.pdf.



significativa participação na sociedade regional, abastecendo o mercado com “peixes salgados, tartarugas, jabutis, tracajás” (RIVAS, 2003, p. 12), e outros. Eles se tornaram pequenos comerciantes e, por serem exímios remadores, levavam mercadorias para vender às margens dos rios. No comércio fluvial, “conhecido como “regatão”, vendia-se espingarda, ferramentas, anzóis, tecidos, álcool e outros, um comércio feito pelos Kukama-Kukamiria que abastecem com o pescado o mercado regional até os dias atuais (RUBIM, 2016, p.32). Vale ressaltar que, durante o período de extração da borracha no final do século XIX, ocorreu mais uma vez uma mudança nas bases da sociedade do povo Kukama-Kukamiria, pois muitas famílias saíram de suas localidades, de seus territórios e foram para lugares distantes a fim de “[...] coletar diretamente o apreciado látex [...]” Rivas (2003, p.12). Esse período de deslocamento estende-se do final do século XIX ao século XX.

Na contemporaneidade, os Kokama, designação utilizada no Brasil atualmente, são agricultores, comerciantes, marceneiros, carpinteiros, pescadores, dentistas, enfermeiros, artesãos, professores, ocupando várias funções na sociedade, além de possuir grandes lideranças do movimento Kokama lutando por educação, saúde diferenciada e pelo bem-viver que integra a luta pela vitalização da língua de seu povo.

Assim, no século XXI, os Kokama reafirmam sua identidade, e buscam vitalizar a sua língua, inclusive por meio do processo de tradução, como mostra esse estudo, que mostra como foram acolhidos positivamente os livros didáticos elaborados a partir das narrativas antigas que transformadas em Histórias em Quadrinho, e apropriadas pelo ensino e pela aprendizagem da língua do povo Kokama.

População Kokama: estimativas numéricas

Atualmente, há um grande contingente do povo Kokama nas cidades do estado do Amazonas, somando um total de nove comunidades até o momento, como listado, a seguir: **(1)** comunidade Nova Esperança, localizada na Estrada do Brasileirinho, **(2)** comunidade Kokama no bairro Grande Vitória, **(3)** comunidade Karuara no bairro João Paulo, **(4)** comunidade Kokama, localizada no Parque das



Tribos, **(5)** comunidade Kokama, localizada na comunidade Nações Indígenas, **(6)** comunidade Kokama Paxiubal **(7)** comunidade educativa Lua Verde no bairro Cidade de Deus, **(8)** comunidade Kokama Wiratsu no bairro Santa Etelvina, **(9)** comunidade Kokama no Conjunto Cidadão XII, além dos Kokama que vivem no entorno dessas comunidades espalhados pela cidade de Manaus e em outras cidades do estado do Amazonas. Calcula-se que o povo Kokama soma mais de 20.000 indígenas residindo nas cidades e em terras indígenas. Segundo Rubim (2016), as associações Kokama apresentam um quantitativo de indivíduos Kokama, segundo o censo realizado por suas associações, localizadas tanto no Brasil quanto no Peru, conforme abaixo:

Tabela 1 - Número aproximado de indígenas Kokama no Brasil e no Peru

Brasil – OGCCIPK ¹⁵ (2008)	Peru/INEI ¹⁶ (2007)	Peru/AIDSEP ¹⁷ (2010)	IBGE Brasil (2010)
Indígenas	Indígenas	Indígenas	Indígenas
15.000	11.307	20.000	11.274

Fonte: RUBIM, 2016, p.78

Contrastivamente, o quantitativo de Kokama no Brasil, segundo os dados das associações de 2010, são de 20.000 indivíduos, mas as organizações Kokama informam que esses números aumentaram. Assim, quando o órgão oficial realiza o censo, o número de Kokama diminui, tanto no Brasil quanto no Peru. Essa diferença reside também na dificuldade de identificar os indígenas, e ultrapassar a visão etnocêntrica do processo de coleta dos dados. Este é um grande desafio tendo em vista a área amazônica e suas características geográficas.

Projeto de tradução das antigas histórias Kokama

No ano de 2013, as histórias antigas Kokama foram lembradas por meio de dramatizações realizadas coletivamente durante as oficinas de Contação de Histórias Antigas em assembleia da comunidade, momentos esses que desempenharam um papel importante no processo de tradução. O ano de 2015 é o momento em que as histórias antigas Kokama foram escolhidas em assembleia para serem transformadas em HQ [histórias em quadrinho], momento em que a comunidade se apropriou de suas histórias, e disponibilizou o conteúdo cultural



guardado na memória dos anciãos, em paradidáticos pedagógicos. Em meio a um processo coletivo de organização do material e do projeto de tradução, vários agentes sociais da comunidade participaram do processo, tais como o professor da escola, o presidente da Associação, o cacique, os estudantes, os pais e a comunidade. A escolha dessa estratégia no início do processo se deve ao fato de que, naquele momento, não havia nenhum ancião que conhecesse as histórias Kokama. Assim, todos os membros das comunidades de Nova Esperança Kokama no ramal do Brasileirinho, situada a 25 km de Manaus no km-8, ramal 8, e de Puraquequara II da cidade de Manaus, participaram destas dramatizações durante as oficinas de Contação de Histórias Antigas na comunidade. Além das histórias coletadas no Brasil, quatro dessas histórias intituladas *Puka Waina*, *Kunumi Umari*, *itsiwatsu Yawatimuki*, *Yatsikira*, foram registradas pelos Kokama do Peru, e acessadas no momento da pesquisa de campo em Zungarococha junto aos anciãos do Formación de Maestros Bilingüe de la Amazonia Peruana-Formabiap¹⁴. Em 2014, realizou-se o roteiro das histórias em quadrinhos. Em 2015, essas histórias foram desenhadas em forma de quadrinhos para compor os livros em quadrinhos das HAK, histórias que narram a cosmovisão Kokama. As HQK, que são as histórias antigas transformadas em quadrinhos para serem ensinadas pedagogicamente nas escolas e centros de educação escolar indígena Kokama, foram organizadas em função da concepção do tempo vivenciado pela comunidade Kokama. Há marcações históricas que demonstram a forma de organização temporal que foge à definição temporal ocidental.

Vejamos alguns exemplos abaixo. A utilização das cores nas capas dos livros das HQK ocorreu para que o tempo da HA fosse identificado de forma pedagógica. As histórias marcam diferentes concepções temporais nas quais, segundo a cosmovisão Kokama, essas histórias realmente aconteciam. Cada experiência temporal oriunda das HQK e das histórias antigas foi identificada com uma cor específica na capa do livro. Assim, quando os animais se transformavam em pessoas, escolheu-se um tempo segundo a cosmovisão do povo Kokama. Por isso, escolhemos cores utilizadas pelo povo Kokama nas cerâmicas, nas roupas, nos grafismos para diferenciar esses tempos. Exemplo disso são as histórias

¹⁴ www.formabiap.org/. Site da instituição que se constitui no local da pesquisa de campo de Altaci Rubim, no Peru, no âmbito de sua tese de doutorado.



intituladas *Kururu Waina* [Mulher Sapo]; *Kunumi Umari* [Jovem Garça] e *Puka Waina* [Mulher Tartaruga]. Essas histórias encontram-se no livro de capa de cor vermelha. Os livros das HQK de capa amarela contam as histórias do tempo em que os espíritos se transformavam em pessoas, tal como na história intitulada *Karuara* [Gente da água].

Quando se trata de histórias que explicitam a relação intrínseca dos Kokama com a natureza, como é o caso das histórias [Kutipa/Kanuparita] e *Yatsikira* [Lua Verde], a capa do livro é de cor azul. Quando se trata do tempo dos ensinamentos, como nas histórias intituladas *itswatsu Yawatimuki* [O jabuti e o veado] e *Yawati Tinin* [Jabuti Branco], a capa do livro é de cor verde. Diante do exposto, a utilização das cores nas capas dos livros das HQK ocorreu para que o tempo da HA fosse explicitado de forma pedagógica.

Essas histórias eram contadas no cotidiano das aldeias e da comunidade, e, portanto, faziam parte do dia-a-dia do povo. Antigamente, os anciãos contavam as histórias antigas no terreiro de suas casas, nas noites de luar, nas noites de céu estrelado, nas noites em que a brisa soprava as folhas das árvores. Muitas vezes tinha uma fogueira acesa, local onde os carapanãs não impediam o ancião de contar histórias e a meninada ouvir. Esse local era o cenário ideal para contar as histórias antigas, junto com a natureza, depois da noite ter caído. E as histórias também tinham um momento para terminar. Quando estava ficando tarde, a lua estava alta, lá por volta de nove horas da noite, era hora de despedir do contador, sabendo que no outro dia, se tivesse luar e céu estrelado, todos estariam reunidos novamente para ouvir as histórias mais uma vez, sempre como se fosse pela primeira vez. Era um tempo sem energia elétrica nas comunidades.

Atualmente, principalmente na cidade onde se encontram grande número de Kokama, as HA são encontradas em materiais didáticos advindos do Peru, como também se encontram na fala de alguns anciãos em São Paulo de Olivença no estado do Amazonas no Brasil, como foi registrado na pesquisa de Laura S. Rubim de Souza, que resultou na pesquisa intitulada “Contaçon de Histórias Kokama em contexto escolar indígena”¹⁵. A partir desse estudo de caso, o intuito é que as

¹⁵ Apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso-TCC no curso de Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA em 2017.



histórias alcancem as comunidades Kokama em forma de HQ em um livro publicado pelo governo do Estado do Amazonas. A contação de histórias, hoje em Manaus, faz-se por meio de oficinas para que as crianças tenham acesso à visão social do seu povo embora estejam na cidade. Isso contribui para o processo de vitalização linguística. Nessa perspectiva, observamos, abaixo, as HQK traduzidas com seus respectivos tradutores.

Oitos histórias traduzidas

Tabela das histórias antigas traduzidas, com seus tradutores¹⁶

Local	Título	Ano	Tradutor
The University of New Mexico-UNM	O jabuti e o veado	2014	Rosa Vallejos
The University of New Mexico - UNM	O Jovem Garça	2015	Rosa Vallejos
The University of New Mexico - UNM	Mulher Sapo	2015	Rosa Vallejos
The University of New Mexico - UNM	Lua Verde	2015	Rosa Vallejos
Zungarococha/Peru	Jabuti Branco	2015	Augusto Tamani
Zungarococha/Peru	Karuara	2015	Augusto Tamani
Zungarococha/Peru	Mulher Tartaruga	2015	Augusto Tamani
Zungarococha/Peru	Kutipa/Kanuparita	2015	Augusto Tamani

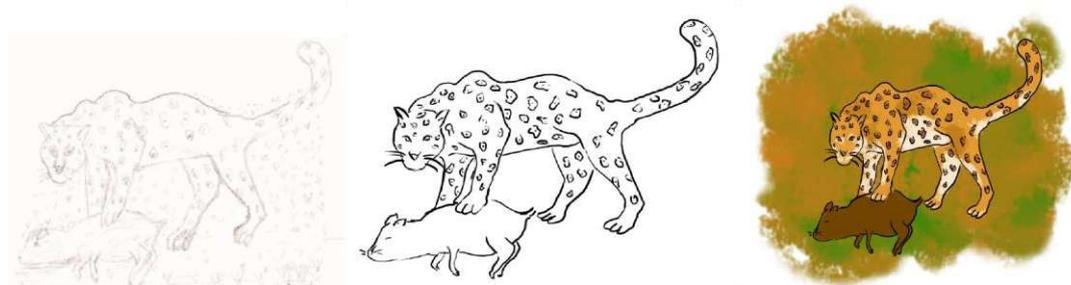
Nesse material didático, as HQK somam um total de oito histórias, quatro foram traduzidas do Kokama para o português pelo ancião Augusto Tamani (Kukama) e quatro pela linguista Rosa Vallejos na Universidade do Novo México nos Estados Unidos. Observa-se o cuidado na escolha dos tradutores. Vallejos possui uma longa experiência em elaboração de material didático com os Kukama-Kukamiria do Peru. Por isso, solicitamos sua colaboração nesse processo de tradução das HQK. Ela traduziu do Kokama para o espanhol e contribuiu na tradução do espanhol para o português juntamente com a autora dos quadrinhos.

¹⁶ O nome do tradutor das histórias antigas Kokama não está registrado nos livros de histórias, mas está indicado com a designação de “correção linguística”.

As traduções feitas por Tamani foram realizadas em Zungaroconha no Peru em 2015. Também em 2015, as HQK foram enviadas por correio eletrônico para Vallejos fazer a tradução.

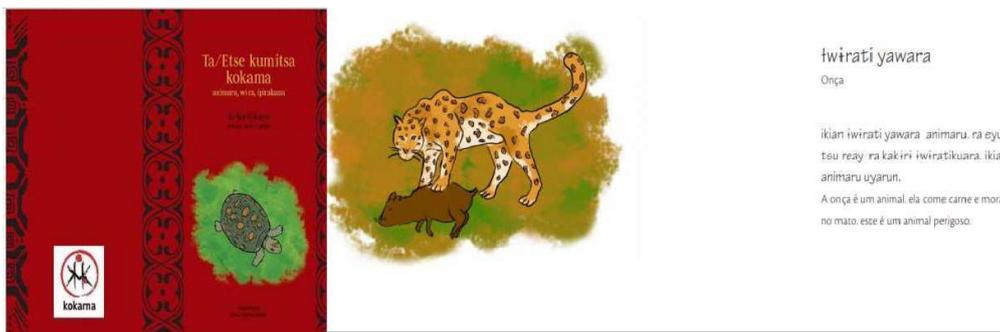
Os desenhos das histórias contribuíram muito para a realização das traduções, pois, sendo o Kokama uma língua em processo de vitalização, ao apresentar as sequências dos desenhos para o tradutor Tamani, ele utilizou as imagens para expressar os elementos culturais. Dessa maneira, os desenhos foram essenciais para que a língua fluísse com o mínimo de interferência de outras línguas, como o espanhol e o português, já que uma parte da compreensão das narrativas encontrava-se nos desenhos.

Vale ressaltar que os materiais didáticos Kokama foram pensados para fazer uma interface entre a cultura Kokama e a tecnologia de diagramação. Nesse sentido, os desenhos foram produzidos em *ajuri/minka* (atividade de trabalho coletivo na roça, termo aqui utilizado para expressar o trabalho coletivo feito com a comunidade para produzir os desenhos) dos materiais didáticos.



RUBIM, Altaci Corrêa. (Org.) Ta/Etse kumitsa Kokama:
Eu falo Kokama. Edição I. Editora & Gráfica Moderna, 2016.

Este exemplo, acima, que traz três etapas na elaboração da imagem apresenta as fases que os materiais didáticos passaram para ter um produto final, conforme almejado pela comunidade. Os desenhos chegavam em preto e branco, desenhados a lápis, e depois realizava-se um tratamento de imagem para compor o livro.



RUBIM, Altaci Corrêa. (Org.) Ta/EtsekumitsaKokama: Eu falo Kokama. Edição I. Editora & Gráfica Moderna, 2016.

Entretanto, em relação às HQK, preservamos os desenhos sem a interferência da tecnologia, propondo uma diagramação simples, tal como ela concebida pelo povo¹⁷. Assim, dentre as 8 (oito) histórias antigas que foram transformadas em quadrinhos, a *Kutipa/Kanuparita* foi a história escolhida para ser o foco deste estudo, pois a tradução é desafiadora em razão da presença de termos que não possuem uma tradução em língua portuguesa por pertencerem à cosmovisão Kokama. Assim, a dificuldade é expressar em outra língua conceitos genuinamente Kokama que existem em razão da cosmovisão Kokama. Quando se traduz, o que está em questão é a visão de mundo, isto é, como o povo Kokama concebe a experiência de mundo na sua língua. Essa é uma problemática comum a todas as línguas: como traduzir as visões de mundo sem apagá-las em nome de uma suposta superioridade cultural ou do avanço/atraso culturais?

Metodologia para a tradução

A tradução da HA *Kutipa/Kanuparita* propõe uma estratégia tradutória onde a língua é vista dentro do contexto de uso de língua viva, saúde e bem-estar, de seu uso social pela comunidade. Os passos da pesquisa foram realizados no Brasil, Peru e Colômbia, países em que a metodologia da Cartografia¹⁸ foi utilizada como instrumento etnográfico para organizar a pesquisa com o povo Kokama (RUBIM, 2016). A pesquisa que resultou na tradução das histórias antigas em quadrinhos foi realizada em Zungarococha no Peru em 2015. A tradução de *Kutipa*

¹⁷ Ver o ponto abaixo: ***Kutipa/Kanuparita*: tradução da cosmovisão.**

¹⁸ A Cartografia como instrumento etnográfico apresenta princípios de etnografia, segundo Almeida (2014), que retratam o mapeamento situacional, em vista de uma nova cartografia, que rompe com as formas tradicionais de mapear os territórios realizados segundo os métodos da geografia. (RUBIM, 2016, p. 5).



foi realizada pelo ancião do Formabiap em 2015. A opção assumida é fazer a tradução das HQK não por especialistas da área de tradução, mas aqueles que vivem e conhecem as duas culturas das línguas em questão, especialmente por ser falante da língua Kokama, como L1. O tradutor tem que estar com os pés nas duas línguas para que, em situação de dificuldade na tradução, ele consiga “*descrever na língua que ele está usando, para a qual ele está traduzindo, uma tradução mais ou menos literal do que os outros dizem*” (RODRIGUES, 2012, p.130). Dessa forma, o tradutor traduz ao reconstruir a cosmovisão Kokama para o outro *lócus* linguístico-cultural.

***Kutipá/Kanuparita*¹⁹: traduzir saberes organizados**

A língua é um dos principais aspectos da identidade de um povo. Por isso, a luta travada pelos povos indígenas para mantê-la viva com seus falantes, pois a língua não morre, ela adormece, e depois de adormecida é muito difícil acordá-la, pois é a língua como o espírito que tem vida. Nesse sentido, a língua não é somente gramática e comunicação²⁰.

[N]as línguas dos povos, a primeira relação é justamente esse ponto comum, a capacidade humana de comunicação através das línguas, e não apenas comunicação, mas organização do conhecimento. Não é só saber dar recado para o outro. É entender as coisas. (RODRIGUES, 2012, p.127).

Assim, segundo a perspectiva de RODRIGUES, a tradução é mais que obter um significado para o entendimento de um anunciado ou de uma palavra. Trata-se de traduzir recuperando o poder da tradução, isto é, a cosmovisão do povo Kokama. Quando se traduz o nome de um animal, importa dizer que o mesmo tem um significado que possui espírito e poder. Por exemplo, o povo ticuna possui animais como saúva, onça, mutum, arara, manguari, tucano, dentre outros, que representam clãs, os quais possuem espírito e poder. Para acessar esse nível de cosmovisão, o dicionário, enquanto ferramenta utilizada no decorrer do processo tradutório, não nos satisfaz, na medida em que o mesmo ignora essa relação

¹⁹ Os dois nomes são utilizados pelo povo Kokama por possuírem os mesmos significados.

²⁰ <https://lalenguaespiritu.wordpress.com/2018/02/15/primera-entrada-del-blog/>. Acesso 05/03/2018.



complexa da palavra com a cosmovisão e o conhecimento do mundo. O dicionário propõe um recorte que não explicita a visão de mundo. E, dentro da concepção Kokama, as línguas são espíritos cujos significados acompanham a visão social do povo que fala essa língua.

Em uma breve pesquisa realizada com os linguistas indígenas da Universidad Nacional de Colombia, na cidade de Leticia, o linguista ticuna colombiano nos relatou o processo de ensino e aprendizagem das línguas indígenas que é revisto em paralelo com a perspectiva de tradução proposta pelos que os linguistas indígenas:

Ensinar a língua ticuna não é apenas a gramática, não é apenas morfologia, não é sufixo, o nome, substantivos, ações ou verbos. Se ensinamos desta maneira, perde-se a profundidade da espiritualidade no sentido do corpo próprio à cosmovisão. Então, há que se ensinar a língua ticuna com os significados dos morfemas, com o significado dos sufixos, porque cada palavra pode ser composta por vários morfemas. Então, minha língua é aglutinante. Agrupa, agrupa vários morfemas e forma uma palavra, e isso não significa espiritualidade, significa curar-se, significa “saúde”, significa “bem-estar”. Então, por isso sugiro que se vamos ensinar a língua, que não ensinemos apenas a parte gramatical, mas também a parte profunda, a parte semântica, a pragmática aos nossos filhos, aos jovens, e para que essa língua não precise, caso se perca uma língua indígena, se perde o conhecimento dentro das palavras, dentro da fala ticuna, dentro de qualquer língua. Dentro da fala Kokama, da fala uitoto, se perde a maneira de ler, outra maneira de conhecer este universo. (SANTOS, 2018)²¹.

O ensino da língua não é algo mecânico, como também não é o a opção de tradução acima colocada, pois a mesma integra o conhecimento estrutural da língua Kokama (gramáticas, etc.), e não omite os conhecimentos ligados à semântica e à visão de mundo, como uma forma de preservar um tipo de conhecimento presente na língua.

²¹ Traduzido por Ana Helena Rossi. “Enseñar la lengua ticuna no es solamente la gramática, no es morfología, no es sufixo, el nombre, substantivos, acciones o verbos. Se enseñamos desta maneira se queda la profundidad de la espiritualidad en el sentido del cuerpo mismo de la cosmovisión. Entonces, hay que enseñar la lengua ticuna con los significados de los morfemas, con el significado de los sufixos, porque cada palabra puede ser compuesta por varios morfemas. Entonces mi lengua es aglutinante. Agrupa, agrupa varios morfemas y forma una palabra y eso no significa espiritualidad, significa curarse significad “salud”, significa “bien estar”. Entonces, por eso sugiero que si vamos enseñar lengua, que no enseñemos solamente la parte gramatical, sino la parte profunda, la parte semántica, la pragmática a nuestros hijos, a los jóvenes y para que esa lengua no precise, si se pierde una lengua indígena, se pierde conocimiento dentro de las palabras, dentro de la habla ticuna, dentro de cualquier lengua. Dentro de la habla Kokama, habla witoto, se pierde otra manera de leer, otra manera de conocer este universo”.



Portanto, ensino de língua e projeto de tradução dialogam e focam em explicitar a visão social do povo Kokama e dos demais povos que consideram a língua como um espírito, tal como a vida encontra-se em movimento e em interação com a natureza. Eis porque a didática de ensino voltada para a tradução de língua, tal como exemplificada por SANTOS (2018), analisa fatores extratextuais e intratextuais. Os fatores extratextuais são aqueles que ficam na parte externa do texto, fatores pragmáticos que são compreendidos quando a linguagem é compreendida dentro de seu uso na comunicação na comunidade, veiculando saberes e organização sociocultural expressada na/ pela língua. São elementos que podem ser levantados antes da leitura do texto, como a leitura do texto: emissor, intenção do emissor, recepção, meio, lugar, tempo, propósito e função de enunciado” (LIBERATTI, 2016, p. 193). Os fatores intratextuais considerados por LIBERATI (2012) são aqueles que podem identificar durante a leitura, o conteúdo, os elementos não verbais, o léxico, a estruturação, entre outros. Os fatores extratextuais e intertextuais são características da tradução organizadas segundo o viés funcionalista, que trata das funções desempenhadas pelo funcionamento linguístico em contextos utilizados segundo a visão social de cada povo.

Nessa perspectiva, o projeto de tradução das histórias antigas Kokama está de acordo com o projeto de “Língua Espírito”, projeto desenvolvido pela Universidad Nacional de Colômbia, já citada alhures, em uma disciplina intitulada “Cátedra de Lenguas Nativas Lã lengüa es espírito”, coordenada pelos professores Juan Álvaro Echeveri e Edgar Eduardo Bolívar²². No caso de histórias em que palavras não possuem equivalência em português, a tradução é organizada segundo essa concepção de que a língua é espírito. Nesse sentido, cada povo organiza as suas experiências culturais na língua, que se torna língua-cultura, e língua-espírito.

Vejamos o exemplo da HQK *Kutipa*, também conhecida como *Kanuparita*. *Kutipa* é uma palavra da língua Kechua enquanto que *Kanuparita* é uma palavra da língua Kokama. Ambas possuem o mesmo significado, mas não há tradução na língua portuguesa, pois as mesmas encontram-se relacionadas à cosmovisão dos

²² <https://lalenguasespiritu.wordpress.com/>, Acessado em 04/03/2018.



povos Kokama e do povo Kechua. Trata-se do que, no conceito ocidental, relaciona-se com o define 'doença' e 'saúde', e que também se relaciona com o conceito de 'bem-estar' e de vida. Então, veremos, a seguir, como essa palavra organiza a maneira de ver o mundo, colocando assim em questão um dos problemas de tradução que se depreendeu desse trabalho.

Kutipa ou *Kanuparita* é, segundo YAJAHUANCA (2009), algo que penetra dentro do corpo de uma pessoa, deixando-a com um mal-estar. Na cosmovisão Kokama, existem diferentes mundos onde vivem seres distintos em cada um deles.: os espíritos dos animais, dos seres que vivem dentro d'água, tais como os *Karuara*, que são as 'pessoas que moram no fundo dos rios', tais como a *Ipiramama*, 'mãe dos peixes', e o espírito das plantas ou até mesmo pessoas que atacam os espíritos mais fracos. Assim, o que se chama de *Kutipa/Kanuparita* são esses seres espirituais que atacam as pessoas deixando-as com espírito fraco.

Kutipa é um termo usado para nomear todos os eventos que estão relacionados com os aspectos saudáveis da vida cotidiana, descrito como uma impureza que entra no corpo e na alma. O estar "*kutipada*" tem relação com a doença física, emocional ou espiritual (YAJAHUANCA RSA et al, 2013, p.4).

Os seres vivos não estão sozinhos sobre a terra, mas estão acompanhados de inúmeros espíritos que se manifestam. O sentido da vida Kokama é, nessa acepção, integrar essa cosmovisão a partir dos comportamentos, mantendo o equilíbrio entre 'saúde' e 'doença', isto é, vivendo no 'bem-estar' a fim de que nenhum ser espiritual venha atacar. Respeitar os ritos e as regras da comunidade, para as mulheres grávidas, é fundamental se elas quiserem evitar que a criança ficar com *Kutipa*.

Aqui quando você está assim [grávida] faz dieta de várias coisas, como a melancia: não se come porque faz *kutipa*, pois deixa grande demais a cabeça do llullo [bebê]; no se come, nem se toma a canha [caldo de canha] por que se diz que dá muito sangue como hemorragia; não se come coisas ácidas, como cidra, porque o sangue se faz água e então você incha [tem edema]; a paca também não se come, porque deixa os llullos [bebês] chorões. (Karen, grávida, 41 anos), *apud* (YAJAHUANCA RSA et al., 2013, p.4).

Logo, as mães grávidas, também não podem entrar em contato com os seres que vivem na água, como cobra, boto, sapo, jacaré, *mussum*, arraia e outros. A



criança fica com *Kutipá* quando está com espírito fraco porque a criança comeu carne de jacaré, porque seu pai foi caçar, ou pescar e entrou em contato com algum desses animais. Observa-se, então, que a criança ficou com uma diarreia esbranquiçada. As consequências sobre o organismo são diferentes em função do espírito que ataca. Por exemplo, a *Kutipá* deixada pelo espírito do sapo faz a criança ficar com a barriga grande enquanto que a *Kutipá* deixada pelo espírito da cobra ou do mussum faz a criança retorcer o corpo exageradamente.

Na cosmovisão do povo Kokama, o conceito de ‘doença’ e de ‘saúde’ tem a ver com o equilíbrio entre os mundos espiritual e material. A *kutipá* “pode ser referida tanto à ação de espíritos malignos, quanto àquelas advindas do parto ou de sua assistência uma vez que a mulher sofre intervenções durante o parto no serviço de saúde [...]” (YAJAHUANCA RSA, *et al.*, 2013, p.4). Isto se dá quando o parto acontece em um serviço de saúde não-indígena, pois os conceitos são diferentes. O conflito entre os espíritos da mata com o povo Kokama resulta num desequilíbrio para o estado de saúde desse povo. Para cada doença, o povo segue um tipo de dieta, incorporando no gesto alimentício, nos asseios (banho em bacia preparada com água e folhas ou raízes ou cascas) feito com plantas medicinais, o que dará proteção ao corpo e à mente. Além da questão comportamental, entra a dimensão religiosa, pois, quando alguém está com a *Kutipá*, essa pessoa fica com mal-estar, desanimado, triste, e ela precisa receber os *ikaros*-orações ou cantos que falam da mata e da natureza para que elas possam se curar.

Tais exemplos mostram que a tradução é muito mais do que “passar” uma palavra de uma língua para a outra. Muito pelo contrário, trata-se de dar a entender a visão do mundo Kokama que correlaciona conceitos e categorias inteligíveis para essa comunidade linguística. No intuito de identificar essa organização conceitual, relacionamos os desenhos com os textos descritos nos balões dos quadrinhos. O tradutor desse tipo de material necessita ter o conhecimento pragmático e semântico do povo para operacionalizar a tradução. Como a HQK *Kutipá/Kanuparita* foi escrita e traduzida por agentes sociais do próprio povo, a especificidade da história enriquece e fortalece o ensino e aprendizagem da língua, operacionalizando a vitalização da língua a partir de sua compreensão autóctone.

Logo, trata-se de uma tradução baseada nos saberes culturais, organizados



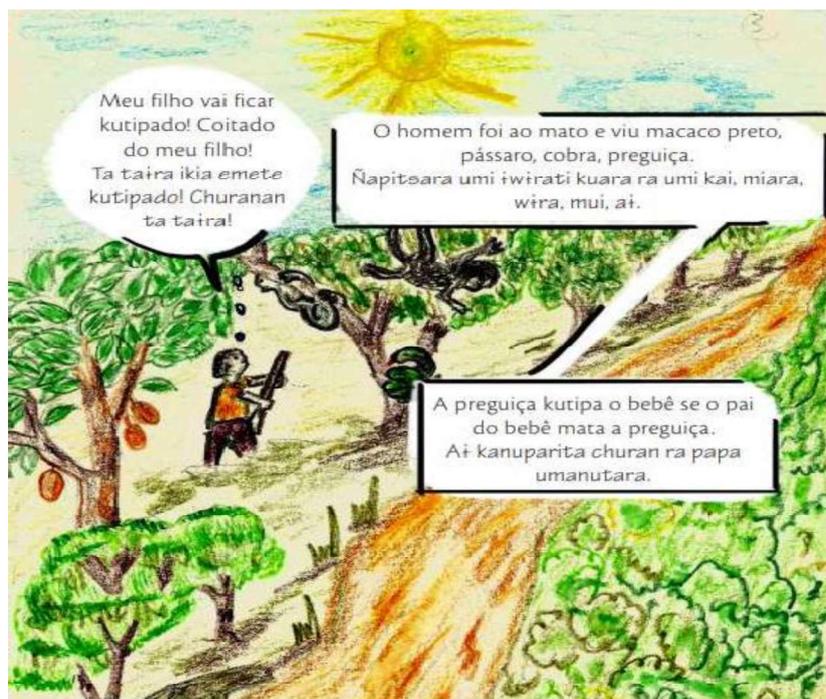
culturalmente pelo povo Kokama, que se expressam nos balões dos diálogos, pois a produção de ruídos, de sons no âmbito das histórias, constituem linguagens que necessitam estar em sintonia uns com os outros para que os textos e as imagens possam ser correlacionados e compreendidos no âmbito da cosmovisão. A complexidade do material traduzido mostra que se trata de uma tradução que dialoga com a dimensão semiológica, trazida pela complementação entre imagens e textos. Assim, a tradução da HQ *Kutipa* é uma tradução de saberes, pois podemos observar que:

A tradução não é uma coisa assim tão direta. Depende dos contextos em que essa língua é usada, e são contextos culturais. O fato de você em guarani distinguir várias fases dentro do espaço do amanhecer mais do que quando fala o português, isso é uma coisa cultural. Não muda a realidade não, é uma segmentação da realidade. (RODRIGUES, 2012, p. 130).

É uma maneira de expressar diferentes formas culturais da realidade, o que constitui um desafio para quem traduz às HQ, pois trazem problemas tradutórios em razão do próprio sentido dos diálogos em cada uma das narrativas, como visto no caso do termo *Kutipa*.

No caso dessa pesquisa, utilizamos a concepção de tradução proposta por RODRIGUES (2012) por se aproximar do que chamamos de tradução das línguas espírito, pois “*sem conhecer a cultura, não há condições de fazer uma boa tradução*”. (RODRIGUES, 2012, p.131). Como visto acima, no caso dos animais envolvidos no significado de *Kutipa*, traduzir seus significados sem contextualizar, sem entender o aprofundamento do texto ligado aos saberes, é abandonar a visão social do povo, pois são conhecimentos intrínsecos às narrativas de quadrinhos que desafiam o tradutor com gestos, costumes, barulho dos animais, interjeições, e expressões populares que convergem para construir a cosmovisão do mundo Kokama.

Os materiais didáticos Kokama foram projetados para fazer uma interface com a tecnologia de diagramação atual, mas nas HQK foram projetados para ficar da forma que elas foram desenhadas pelo povo, tal como abaixo, a imagem da HQK *Kutipa/Kanuparita*:



RUBIM, 2015, p. 6.

O processo tradutório realizado para traduzir as HQ é pedagógico para aqueles que desejam realizar trabalhos de tradução referente às línguas indígenas, problematizando os aspectos essenciais desse processo. Do nosso ponto de vista, traduzir é, pois, identificar a relação íntima entre a língua e a cultura do seu povo, reconstruindo o outro *locus* linguístico e a cosmovisão deste povo. O processo tradutório consiste em compreender e recuperar todo o conhecimento da cultura Kokama a partir das formas encontradas pelo tradutor de forma a ser reconstruído o universo cultural que dá sustentação e inteligibilidade ao texto traduzido. Essa é a proposta do presente estudo.

Conclusão provisória

Após evidenciar a importância da tradução que envolve o conhecimento das culturas envolvidas, o texto evidenciou que todo povo tem na língua o registro da existência dos seus saberes, isto é, a sua cosmovisão onde aparecem as experiências do mundo. Há povos que registram seus conhecimentos partindo do empírico para o teórico. Há outros povos indígenas que utilizam formas de expressão para organizar seus conhecimentos milenares, como a classificação da fauna, da flora e toda a relação com o meio ambiente. A organização desse conhecimento manifesta-se por meio do pensamento expresso na língua.



O tradutor que não pertence ao povo não percebe esse mecanismo de lógica interna da língua e que remete à profundidade da cultura. Ele deve interagir, desde cedo, com a língua com a qual ele quer trabalhar para compreender o pensamento, a memória do povo, o sentimento expresso no dia-a-dia, nos rituais, nas histórias, nos cantos, na literatura de modo geral.

O desafio de traduzir a HA *Kutipá/kanuparita* foi importante para os tradutores e para a desenhista, pois identifica como conceber tradução. Trata-se, pois, de um processo que dialoga com os diversos personagens envolvidos, tais como tradutores, professores, e o conjunto da comunidade, processo esse que contribuiu para a transmissão dos saberes organizados na palavra *Kutipá*, que não pode ser traduzida de maneira dual nem por 'saúde', nem por 'doença'. Trata-se de outro paradigma onde o mundo dos seres vivos integra-se com o mundo dos espíritos, segundo a cosmovisão Kokama. Assim, a tradução do quadrinho como instrumento pedagógico para o ensino de língua indígena de um povo vai além da gramática, da morfologia e da sintaxe. O que não se pode perder na tradução é o sentido, a ideia, o sentimento original da visão social de cada povo que representa a cultura viva por meio da literatura, dos contos, das histórias, das músicas, das histórias em quadrinhos, entre outros. Entende-se, também que, às vezes, faz-se necessário usar neologismos quando a palavra de origem permite, para identificar palavras indígenas que não são traduzidas em língua portuguesa ou em qualquer outro idioma. Dessa forma, traduzir textos literários é uma experiência cultural que representa o conhecimento interligado da língua com a cultura. Operacionaliza-se uma tradução que leva em conta a cultura do povo que originou esse material em um processo de retroalimentação com vistas à vitalização da língua no âmbito de sua apropriação cultural.

Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno; RUBIM, Altaci Corrêa. Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas. *In: Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v.4, n.1, 2012. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2012.

CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. Evidências de Crioulização abrupta em Kokáma. *Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, Brasília, v.13, 2003, p. 180-186.



FORMABIAP Instituto Superior Pedagógico Público
“Loreto”/Asociación Interétnica de la Selva Peruana-AIDSESP, Iquitos, 2003.

FREITAS, Marcos Antonio Braga de. **O povo Kokáma: Um caso de reafirmação de identidade étnica.** Dissertação (mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia- UFAM), 2002.

HOUAISS, Antonio (1915-1999); VILLAR, Mauro de Salles (1939-). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**/Antonio Houaiss e Mauro de Salles Vilar, elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C.Ltda-Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HURTADO ALBIR, Amparo. "Clasificación y descripción de la traducción". In: **Traducción y traductología.** Madrid: Cátedra, 2001, p. 43-95. LIBERATTI, Elisângela. **Uma proposta didática para traduzir as histórias em quadrinhos.** 2016. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v27i0p181-200>. <http://www.revistas.usp.br/tradterm/index>.

_____. **Ara, Chico; Aw, Chuck:** uma tradução funcionalista de quadrinhos do Chico Bento. 2012. 165 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC. Disponível em: www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Elisangela_Liberatti_-_Dissertacao.pdf. PORRO, Antônio. **As crônicas do Rio Amazonas.** Petrópolis (RJ): Vozes, 1992.

MOSELEY, Christopher. **Atlas de las lenguas Del mundo em peligro.** 3ª ed. Paris: Editora UNESCO, 2010. Versão online. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>. Acesso em: out. 2015.

PRIA, Albano Dalla. **Tipologia linguística línguas analíticas e línguas sintéticas.** SOLETRAS, Ano VI, Nº 11. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2006. <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/4652/3431>

RIVAS, Roxani R. Ruiz. **Uwarita:** Los Kukama-Kukamiria y su bosque. Série: Um instrumento, Un mundo. Trampas de caza de los pueblos indígenas amazônicos.

RONAI Paulo, **Escola de Tradutores,** Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação. Col. Os cadernos de Cultura, s.d., 90 p.

ROSSI, Ana Helena. “Entrevista com prof. Dr. Emérito Aryon Dall’Igna Rodrigues”. **Traduzires:** Universidade de Brasília/POSTRAD, vol. 1, n.2, Dezembro de 2012, p. 127-131.

_____. “Processos e procedimentos: pensando a tradução”, *caleidoscópio: linguagem e tradução*, revista *caleidoscópio: linguagem e tradução*, v.2. n.1. tradução de língua indígenas. pp. 1-14, 6 jun. 2018.



RUBIM, Altaci Corrêa, **O reordenamento político e cultural do povo Kokama: a reconquista da língua e a reconquista do território além-fronteiras entre o Brasil e o Peru**, 2016. Tese de Doutorado; Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL, Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas.

_____, **Kutipa/Kanuparita**. Governo do Estado do Amazonas. Editora Gráfica & Moderna. Manaus, 2016. SANTOS, Antonio. Entrevista realizada na universidade Nacional de Colômbia em Letícia. 1/02/2018.

VALLEJOS, Rosa. **A Grammar of Kokama-Kokamilla**. A Dissertation presented to the University of Oregon for the degree of Doctor of Philosophy, 2010.

YAJAHUANCA RSA *et al.*, Birth at the health center or at home: an analysis of birthing care among the *kukamas kukamirias* women of Peru. In **Journal of Human Growth and Development** 2013; 23(3): 322-330.

_____, **Sem Kutipa: concepções sobre saúde reprodutiva e sexualidade entre os descendentes kukamas kukamirias**, Peru, 2009. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo, Faculdade de Saúde Pública da USP, 2009.

Altaci Rubim é doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL/UnB. Professora Colaboradora do PPGL/UFAM. Professora SEMED/MANAUS. Pesquisadora do Projeto Nova Cartografia-PNCSA/UEAE).

Ana Helena Rossi é profa. no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET), nos Programas de Pós-Graduação de Tradução e Literatura (POSTRAD e POSLIT) da Universidade de Brasília. Fundadora e editora-chefe da revista caleidoscópico: linguagem e tradução [<http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/caleidoscopio/index>]. Formada em Comunicação Social (UnB), Mestre em Comunicação Social (Université de Bordeaux 3) em História Cultural e Civilização (École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris). Tradutora e poeta trilingue (português, francês e inglês), publica semanalmente no seu blog [<https://ana-poesia-poesie.blogspot.com/>].

Recebido em: 29/03/2018

Aceito em: 25/05/2018

Publicado em dezembro de 2018